



Duch estava tão perto do mal que tinha de voltar à humanidade

O cambojano Rithy Panh passou mais de 100 horas com o único responsável do regime Khmer condenado por um tribunal especial: *Duch, le Maître des Forges de l'Enfer*, hoje, Culturgest, às 21h15

DocLisboa
Francisca Gorjão
Henriques

Duch está numa pequena cela. Conseguiu esticar os braços e tocar numa parede e na outra. Se não conseguir é por pouco. Prepara um chá. A cama tem uma colcha cor de laranja, veremos depois. Há uma janela ao fundo. Mas as celas da prisão S-21 eram ainda menores e não se vêem colchas, muito menos almofadas. Vêm-se sim paredes em madeira, provavelmente erguidas à pressa; e salas de interrogatório só com uma mesa e uma cadeira. Este era o grande centro de detenções do regime Khmer Vermelho e Duch era o seu director. O carcereiro está agora encarcerado, e o realizador Rithy Panh passou mais de 100 horas com ele.

“Ele estava tão perto do mal que tinha de voltar à humanidade. Por isso tinha de dizer a verdade”. É assim que Rithy Panh explica ao PÚBLICO a razão pela qual Kang Guek Eav (mais conhecido como Duch) aceitou falar com ele. “Acho que não disse toda a verdade. Se calhar, se o fizesse, morreria. Porque é tão pesada...”. Tão pesada que a S21 está agora transformada em museu para que a memória evite uma repetição da história.

O realizador tinha 11 anos quando foi mandado para um campo de trabalho, onde a sua família mais próxima morreu. Aos 14 refugiou-se num campo na Tailândia, e de lá partiu para França, onde ainda vive metade do tempo (a outra metade passa-a no Camboja). O regime de que Rithy Panh fugiu foi o mesmo que Duch serviu com todo o brío – das 12.380 pessoas que passaram pela prisão, na capital cambojana, apenas sete escaparam com vida. “Era mais fácil levar os corpos de presos mortos do que vivos”, explica o próprio Kang Guek Eav no filme *Duch, le Maître des Forges de l'Enfer*. A regra a seguir: “Melhor matar um inocente por erro, do que libertar um inimigo”.

Não vemos sempre um Duch com um olhar arrependido, mas vemos um Duch humano, com os seus olhos pequeníssimos e a falta de um dedo na mão esquerda, admitindo que há coisas pelas quais deve pedir perdão: “Quando olho para trás fico aterrorizado”. “Eu, professor, transformei uma escola numa prisão, fui ao fun-



O brío de Duch como carcereiro: “Melhor matar um inocente por erro, do que libertar um inimigo”

do, como que a desafiar a humanidade”.

Vemos também um Duch que ainda acredita na ideologia que motivou o Khmer Vermelho – regime que entre 1975 e 1979 não se limitou a impor a “ditadura do proletariado” e a abolição da propriedade privada; acabou com o dinheiro, pôs fim ao ensino, esvaziou as cidades para levar mão-de-obra para os campos e conduziu ao genocídio de um quinto da população do país. O filme mostra

milhares de pessoas a trabalhar como formigas na construção de canais, e mostra a desolação de uma capital, Phnom Penh, totalmente deserta.

“Duch ainda acredita na ideologia porque lutou 35 anos por ela. Para continuar a ser ele próprio não pode deitá-la fora”, explica Rithy Panh, com um charuto apagado numa mão (está em Portugal porque é um dos júris da secção Investigações do DocLisboa). “Pode dizer que lamenta. Pode dizer que o que queria era jus-

tiça, democracia, liberdade para o povo, mas depois veio o genocídio, e ele estava só a cumprir ordens”. Duch afirma: “Sou inocente... o Governo é responsável por este crime. Fui refém do regime Khmer Vermelho”. A questão é que “sempre, desde miúdo, gostei do trabalho bem feito”. Transferiram-no da M3 para a S-21 porque confiavam nele. Se era um centro de tortura e extermínio que era preciso supervisionar, ele fez como sempre tentou fazer: o melhor possível.

Duch foi condenado a prisão perpétua – e foi o único responsável cambojano até agora a ouvir uma sentença saída do tribunal criado com a ajuda da ONU para julgar as atrocidades do regime liderado por Pol Pot. Panh entrevistou-o antes da última decisão judicial, que resultou de um recurso de uma pena anterior a 35 anos de prisão.

Sentado a uma secretária de uma sala do tribunal, vai passando folhas e folhas de relatórios, fotografias – uma rapariga acusada de ser agente da CIA, um bebé deitado ao lado da mãe, rapazes que ainda não tinham entrado na adolescência, homens com idade para serem pais – e assiste pelo computador

a depoimentos de testemunhas. Insiste que nunca participava nos interrogatórios.

Esta foi uma das coisas que Rithy Panh quis confirmar. “Fui verificar ao arquivo. Há 500 mil ficheiros. Era como procurar uma gota no oceano. Mas às vezes há um milagre. Acho que foram mortos que não queriam estar mortos que me ajudaram. Encontrei um papel com a confissão de um prisioneiro, pedindo aos guardas que Duch regressasse porque iria dizer-lhe a verdade. Se era para ele regressar, era porque já tinha estado lá”. Depois, Duch garante perante a câmara que nunca bateu em ninguém, que “as palavras eram o seu bastão”.

O filme não serve apenas para conhecer melhor o “outro lado”. Serve também para reconstruir a memória, o que é “fundamental para uma democracia”, diz Panh. “Há jovens que não acreditam [que houve um genocídio]. ‘Como é que cambojanos mataram outros cambojanos?’ Tento dizer-lhes que não foi isso. A ideologia é que mata... É nosso dever explicar que o seu avô matou porque havia um genocídio liderado pelo Khmer Vermelho. Se perceberem o contexto, não vêem os seus familiares como criminosos...”

O tribunal foi importante para este processo. “Agora as famílias começam a falar. Mas ninguém gosta de contar aos filhos como viveu como um animal, como não conseguimos salvar o nosso irmão... Temos que respeitar isso”.

Ter sobrevivido ao regime não decorreu de uma força sua, diz o realizador. “Não sobrevivemos porque fomos mais fortes, ou mais espertos. Sobrevivemos porque outras pessoas nos ajudaram. Elas estão mortas. A minha função é prestar-lhes um tributo”.

Mas não foi só por isso que Rithy Panh fez este filme. Fê-lo porque queria entender o que aconteceu na S-21, a prisão de Tuol Sleng, que estudou ao longo de vinte anos. “Se percebesse o que se passou lá, perceberia a forma como o regime actuava, como funcionava este sistema totalitário... como concebia a sociedade”. Ficaram algumas perguntas sem resposta: “Houve quem quisesse morrer. Mas também houve quem tenha resistido”, afirma. “A resistência das pessoas, não percebo”.



Aos 11 anos Rithy Panh foi enviado para um campo de trabalho